

Quando assumiu o cargo de reitor, em abril de 2017, o professor **Marcelo Knobel** enfrentou um furacão na **Unicamp**. Com receita em queda, a universidade amargava um déficit de R\$ 270 milhões e projetava um prejuízo de R\$ 300 milhões para este ano. Sem opção, determinou cortes, aumentou preço do bandeirão e agora já vislumbra um ano menos traumático em 2018. O déficit da universidade deve diminuir de R\$ 290 milhões em 2017 para R\$ 272 milhões neste ano.

Knobel diz que agora vai buscar novas fontes de receita, além daquela do ICMS, que depende do Estado e dos humores da economia. Diz que pretende implantar um Fundo de Apoio de Ex-alunos, a exemplo do que ocorre em universidades americanas, e reforçar o programa de inovação. Diz que pensa até mesmo em implantar uma rádio pública, como existe na USP (Universidade de São Paulo).

Os cortes já começaram a surtir efeito?

Então. As ações que a gente tomou desde o início, juntamente com uma leve melhoria da economia, que está aparentemente acontecendo, e espero que seja estável – já levou a uma melhoria do quadro geral. Mas ainda estamos longe do ideal.

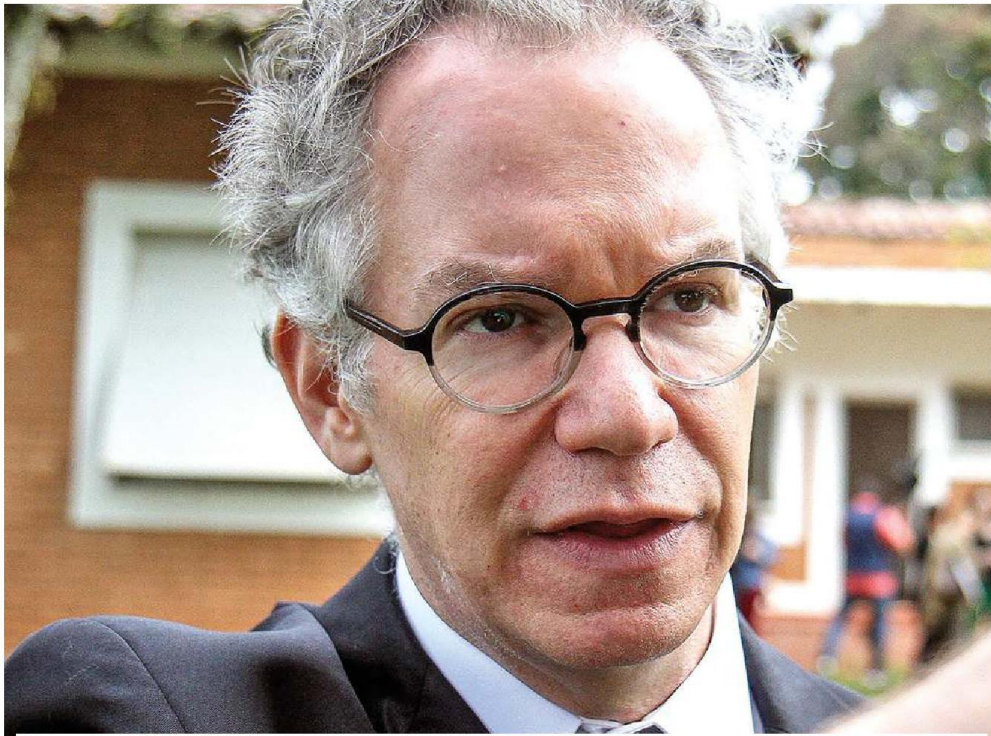
Como é que o senhor acha que vai ser essa briga com o Governo do Estado, pelo aumento no índice de repasse do ICMS?

O Cruesp (Conselho de Reitores) sempre comenta sobre isso. A gente faz sempre no momento da solicitação da lei de diretrizes orçamentárias, escrevemos um relatório, uma carta, uma solicitação. E nesta carta, sempre vai o pedido do repasse prometido, por exemplo, como o campus (II) de Limeira, que havia sido prometido um 0,05% adicional.

Que argumento os senhores usam para pedir esse aumento?

O diálogo é constante com o governo do Estado. Afinal de contas, somos parte do Estado, então devemos atuar sempre como uma parceria. Nossa função, como universidades públicas, é formar gente capacitada para o desenvolvimento do estado e do país, formar pós-graduandos e fazer pesquisa de ponta, que tanto o país precisa em inovação.

É que o governador já declarou várias vezes que a prioridade dele na



LUCIANO CLAUDINO/CORBIS

MARCELO KNOBEL

Reitor diz que receitas extras da **Unicamp** devem atingir R\$ 650 milhões. Conta que prepara a criação de um fundo para acolher doações de ex-alunos e entidades e a implantação de uma rádio pública, como a da USP

ARRANCADA

educação não é o ensino superior

Não, mas o nosso repasse é garantido, tem sido continuamente. Está previsto os 9,57% e isso em nenhum momento sofreu qualquer diminuição. Então, nesse sentido, a gente tem recebido o repasse do governo. A questão é que vivemos um momento de crise bastante importante e que o ICMS caiu muito.

Os senhores dizem haver subfinanciamento da saúde. Já dimensionaram de quanto deveria ser o aumento?

Nós temos a ideia de custo, mas naturalmente o que vier para nós é bom, porque a gente está precisando. Sabemos que também dependemos do governo federal, por meio de repasses do SUS (Sistema Único de Saúde), que estão congelados há muito tempo, há

quase 10 anos. Então, nesse sentido, a **Unicamp** tem sido parceira do Estado. Com a administração de diversos hospitais e também junto aos municípios.

Quais são as receitas extras da Unicamp?

Entre colaborações e convênios, a universidade tem um valor considerável. Para você ter uma ideia: somando esses recursos e mais também outras fontes de receita – e aqui eu estou incluindo um pouco de tudo: o vestibular, que tem a taxa (de inscrição), os restaurantes... tudo, todas as taxas, tudo que a universidade recebe fora do orçamento... quer dizer recursos extra-orçamentários... giram na ordem de R\$ 650 milhões. Você vê que é um valor considerável, que claro, precisamos aumentar. Mas, naturalmente estamos indo atrás

de muitas outras possibilidades: criar um fundo relacionado com o investimento social privado, que seria um fundo para apoio à universidade. Que possa vir de ex-alunos ou empresas que possam apoiar as atividades da universidade.

Estamos buscando e fazendo mais convênios com empresas e mais licenciamentos de patentes.

Os ex-alunos contribuiriam espontaneamente. É essa a ideia?

Isso. Nos Estados Unidos, isso é algo muito comum e aqui a gente ainda está engatinhando nesse sentido, porque a legislação é muito recente. Foi só aprovada em 2016, aliás, no ano passado. Então, a gente está estudando a legislação, vendo as possibilidades que temos, como fazer isso para ter um controle adequado e, naturalmen-

te, depois ver maneiras de estimular que as pessoas possam contribuir com a universidade ou com projetos específicos da universidade. Acho que pode ser um caminho bem interessante.

Em 2017 a universidade chegou ao topo de vários rankings, num feito inédito na história da Unicamp. A que isso se deveu?

Primeiro é preciso ressaltar que esses rankings são um pouco traiçoeiros, porque às vezes a gente está em 1º, a gente está em 2º, então, pularam de um para outro.

O importante é destacar que as universidades estão sempre na berlinda, sempre questionadas tal, mas não... vejamos que as boas universidades públicas do país estão aí dominando os rankings e

nesse ano tivemos a felicidade de estar em 1º em um ranking da América Latina da Times Higher Education (THE) e a 1ª brasileira dos Brics pelo QS (Quacquarelli Symonds).

Qual a contribuição do programa de inovação neste posto do ranking?

Nós temos registradas e funcionando hoje mais de 500 empresas, que a gente chama de “filhas” da **Unicamp**. Ativas geram 28 mil empregos e mais de R\$ 3 bilhões de faturamento anual, que é muito superior ao que a gente também recebe. Então, isso é algo que cresce ano após ano. É um investimento que o país faz em universidades públicas, como a **Unicamp**, que terá resultados, e cada vez mais, no médio e longo prazo.

Como o senhor interpreta movimentos como o que pede cobrança de mensalidades em universidades públicas ou o fim das universidades públicas?

É com muita preocupação. Eu sou absolutamente contrário a cobrança. Na minha visão, a universidade pública deve ser gratuita, de qualidade, com uma preocupação social importante. E me preocupa esses movimentos, e por isso, em entrevistas como essa sempre resalto, eu busco ressaltar o papel fundamental que essas universidades têm para o desenvolvimento do país, para o futuro do nosso país.

A Unicamp nunca pensou em ter uma rádio a exemplo do que ocorre com a USP?

Pensamos. Hoje, nós temos uma rádio web que está funcionando ativamente, mas estamos buscando uma concessão para uma rádio. Estamos trabalhando nisso. Espero que tenhamos novidades.

Perfil

Marcelo Knobel, 48 anos, é professor do Instituto de Física Gleb Wataghin desde 1995.

É professor titular do Departamento de Física da Matéria Condensada, atuando na investigação experimental de materiais magnéticos nanoestruturados.

No dia 19 de abril tomou posse como o 12º reitor da **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**.



TOTE NUNES
METRO CAMPINAS